



CIDADANIA E DEMOCRACIA DESDE A ESCOLA

Kit de atividades para o retorno às aulas presenciais no contexto da pandemia da Covid-19



the auschwitz institute
for the prevention of genocide
and mass atrocities

O *Auschwitz Institute for the Prevention of Genocide and Mass Atrocities* é uma organização não governamental internacional que atua na área de prevenção de genocídios e outras atrocidades massivas. A partir de um trabalho de assistência técnica, capacitação e educação, o Instituto Auschwitz apoia os Estados no desenvolvimento e/ou fortalecimento de políticas públicas voltadas para essa matéria. Além disso, o Instituto fomenta e articula a criação de redes de cooperação regionais e internacionais entre governos, sociedade civil e academia, com o objetivo de promover uma abordagem conjunta dos desafios contemporâneos relacionados com a proteção dos direitos humanos e a prevenção de abusos.

Autoria: Isadora Souza e Paula Alves

Coordenação: Clara Ramírez Barat

Data e local: São Paulo, setembro de 2021



Os conteúdos originais deste livro podem ser reproduzidos total ou parcialmente para fins não comerciais, atribuindo o devido crédito ao *Auschwitz Institute for the Prevention of Genocide and Mass Atrocities*.

Índice

1. A pandemia da Covid-19 no mundo e no Brasil	4
2. Os impactos da pandemia da Covid-19 na educação	6
3. O que é, porque e como utilizar este kit de atividades	9
4. Sobre o trabalho do Instituto Auschwitz no Brasil	12

ATIVIDADES	13
-------------------------	-----------

Atividade 1: Voltando às aulas: elaborando um diagnóstico da turma.....	14
---	----

Atividade 2: (Re)ativar a comunidade escolar em tempos de pandemia	18
--	----

Atividade 3: É individual mas é também coletivo	24
---	----

Atividade 4: O que a pandemia da Covid-19 nos deixou?	33
---	----

Atividade 5: E o futuro: o que será?	44
--	----

Referências.....	49
------------------	----

1. A pandemia da Covid-19 no mundo e no Brasil

Com início em março de 2020, quase dois anos depois, a pandemia da Covid-19 já deixou 4.758.529 milhões de mortos e 232.428.536 milhões de infectados em todo o mundo.¹ Os impactos da pandemia, entretanto, não se restringem às pessoas que perderam seus/suas familiares ou que ficaram doentes: todos os aspectos econômicos, sociais, políticos, sanitários, ambientais, subjetivos e existenciais da sociedade contemporânea foram afetados de formas que ainda não puderam ser completamente identificadas.

Organizações internacionais têm ressaltado a complexidade desse panorama. O secretário-geral da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), por exemplo, declarou que estamos atravessando uma das piores crises de toda a história da humanidade, responsável pelos níveis insuficientes de crescimento econômico das economias nacionais, além do aumento do desemprego e da condição de vulnerabilidade de pessoas ao redor de todo o mundo.² Também nesse sentido, a Organização das Nações Unidas (ONU) vem alertando para a desigualdade dos efeitos da pandemia, que se mostram ainda mais graves para os grupos minoritários e vulneráveis, que acessam menos e com menor qualidade bens e serviços essenciais de saúde e assistência, assim como costumam ser mais estigmatizados, expostos à violência e à exclusão social.³ Partindo do mesmo diagnóstico, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) ressaltou que o caráter de extrema desigualdade presente na América Latina, reforçada pelo histórico de respostas insuficientes dos governos para adereçar tais problemas, implica na urgência de ações que levem em consideração as vulnerabilidades estruturais no enfrentamento dos resultados da crise sanitária.⁴

No Brasil, a pandemia também gerou efeitos devastadores. O país vem enfrentando uma crise econômica desde 2015, marcada por um baixo crescimento e por investimentos governamentais em áreas sociais, como

saúde e educação, reduzidos.⁵ Foi nesse cenário de instabilidade e fragilidade que, em março de 2020, a pandemia da Covid-19 se instalou, ampliando as desigualdades econômicas e sociais já existentes.

A fome voltou a ser um problema grave no país: cerca de 116,8 milhões de brasileiros/as estão em situação de insegurança alimentar e 19,9 milhões passando fome, o que representa, respectivamente, 55% e 9% do total da população.⁶ O número de desempregados/as ou de pessoas que estão trabalhando sob condições precarizadas também avançou: são cerca de 30 milhões de brasileiros/as sem emprego, ou seja, 14,6% da população, de acordo com dados de maio de 2021 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE).⁷ Justamente em um momento em que a condição econômica dos brasileiros se encontrava fragilizada, a inflação igualmente disparou no país, atingindo os mais diversos setores. Projeções de economistas indicam que ela será a maior desde 2015.⁸ Esses obstáculos se manifestaram na própria percepção dos brasileiros sobre seu bem estar. No Ranking Global da Felicidade, elaborado pela empresa de pesquisas Gallup em parceria com a ONU, o Brasil caiu 12 posições em apenas um ano.⁹

Por fim, as vulnerabilidades e os desafios provocados pelo enfrentamento da crise acabaram por reforçar o processo de esgarçamento e polarização do tecido social já estabelecido no país. Com o número de aproximadamente 588 mil mortes e mais de 21 milhões infectados/as em setembro de 2021,¹⁰ especialistas entendem que faltaram no Brasil respostas firmes e unificadas acerca dos protocolos de prevenção, além da carência em equipamentos de proteção, oxigênio, insumos e remédios.¹¹

2. Os impactos da pandemia da Covid-19 na educação

Segundo a UNESCO,¹² cerca de 1,5 bilhões de estudantes de 190 países ficaram fora da escola durante a pandemia. No Brasil, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PnadC) indicou que, em outubro de 2020, 3,8% de estudantes de 6 a 17 anos não estavam frequentando a escola nem no ensino presencial nem no remoto - acima da média nacional de 2% em 2019. Por outro lado, a mesma pesquisa indicou que 11,2% daqueles/as que estavam não conseguiam acessar as atividades virtuais.¹³ Esse é o mesmo cenário que o Banco Mundial encontrou no restante da América Latina e Caribe. O relatório publicado em março deste ano trouxe estimativas iniciais preocupantes sobre os efeitos do fechamento das escolas na região: cerca de dois em cada três alunos podem não ser capazes de ler ou entender textos adequados para a sua idade, um aumento de 20% na pobreza da aprendizagem.¹⁴ A evasão escolar, que já é um problema na região, também pode aumentar em 15%, segundo dados do mesmo relatório.

Para além dos desafios diretos no processo de ensino-aprendizagem, ainda não totalmente compreendidos, os impactos da pandemia sobre o bem-estar dos/as estudantes também são evidentes. O fechamento das escolas implicou não apenas na interrupção das aulas presenciais, como também de serviços básicos como a merenda escolar, fonte de alimento confiável para milhões de estudantes, justamente em um momento de forte dificuldade econômica e do aumento de índices preocupantes como a violência doméstica.¹⁵

Ainda em 2020, estados e municípios brasileiros iniciaram o planejamento para o retorno às aulas presenciais, de forma que, em setembro de 2021, a maior parte dos estados e cidades já contam com estudantes fisicamente em salas de aula. Esse processo, no entanto, não se deu sem questionamentos: com poucos/as profissionais da educação vacinados/as e com uma situação

sanitária longe de estar controlada, a preocupação era muito grande.¹⁶ Apesar do avanço expressivo da vacinação atualmente permitir um caminhar mais otimista, o cenário ainda é marcado por uma série inseguranças que envolvem temas como financiamento, infraestrutura, biossegurança, defasagens no ensino, atendimento especial aos mais vulneráveis,¹⁷ além das incertezas com relação à disseminação da variante Delta da Covid-19.

Nesse sentido, agências das Nações Unidas e o Banco Mundial publicaram recomendações para a abertura das escolas, dentre as quais destacaram-se: o planejamento escolar para fazer cumprir os protocolos de saúde e lidar com infecções; a relevância de diretores/as, coordenadores/as pedagógicos e professores/as levarem em consideração os efeitos da pandemia aos/às grupos mais vulneráveis, mais propensos/as à evasão escolar; a necessidade de existirem espaços de comunicação entre os/as membros/as da comunidade escolar para refletir e repensar rotas a respeito nesse retorno; além da importância de ações de sensibilização sobre as circunstâncias sociais, com vistas a aumentar a taxa de retorno dos/as estudantes.¹⁸

Se a educação já é um movimento que implica gerar consciência sobre si e sobre os outros, a pandemia da Covid-19 tornou inegociável que a escola seja um espaço de promoção e fortalecimento da cidadania e da democracia. Para isso, é essencial que educadores/as possam reconhecer e refletir os impactos da crise, entendendo seus efeitos não apenas como experiências individuais, mas como vivência de toda uma comunidade, de um país e, no limite, do mundo. Nesse sentido, questões históricas, porém hoje renovadas, como desigualdade, negacionismo, democracia, direitos humanos, dentre outras, não deveriam passar longe das salas de aula. Ao mesmo tempo, uma abordagem educativa que pautasse o diálogo e o respeito ao outro contribui para reabilitar a convivência escolar, especialmente em um momento de restabelecimento de combinados e cuidados para a volta ao convívio de um forma segura e responsável.

A educação para a cidadania e para a democracia, portanto, tem um papel dentro e para além dos muros da escola: celebrando o comum, sem deixar

de respeitar as diferenças, semeando consciência e responsabilidade entre crianças e jovens que, amanhã, serão adultos/as atuantes. Ainda mais do que ontem, é urgente rememorar o que escreveu a filósofa Hannah Arendt sobre o sentido da educação, trazendo questões também relativas a razão de ser da educação cidadã e democrática: “a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens”.¹⁹

3. O que é, porque e como utilizar este kit de atividades

Consciente do papel central da educação neste momento de crise, o Programa Warren de Políticas Educacionais do Instituto Auschwitz preparou o presente Kit de atividades educativas para auxiliar os/as professores/as, através de uma sequência pedagógica de cinco atividades, a identificar, acolher e trabalhar os impactos da Covid-19 com os/as estudantes no contexto de retorno às aulas presenciais.

A volta às aulas oferece diversos desafios para a comunidade educativa, que recebe os/as estudantes depois de tanto tempo longe da escola, vivendo sob pressão, muitas vezes sob uma estrutura inadequada, expostos a situações de violência, em muitos casos perdendo familiares e pessoas próximas. Nessas circunstâncias, é necessário fazer da escola e da sala de aula um espaço humanizado de (re)encontro que possibilite a retomada da experiência escolar. Tendo isso em vista, um primeiro objetivo desse material é auxiliar no restabelecimento de combinados e cuidados coletivos que contribuam para que a escola e sala de aula sejam um ambiente seguro, confiável e respeitoso.²⁰

Em segundo lugar, porém não menos importante, o Kit de atividades pretende instigar uma reflexão sobre as consequências da pandemia em cada um/a de nós, em nossa comunidade, país e mundo. Isso quer dizer ponderar sobre questões como: comum e coletividade; responsabilidade, solidariedade e empatia; democracia, direitos humanos, normalidade e emergência; ciência, negacionismo e pós-verdade; desigualdade etc.

Promover esse tipo de discussão nas escolas é a missão do Programa de Políticas Educacionais Warren do Instituto Auschwitz. Missão que está apoiada pelos fundamentais marcos normativos de educação e direitos humanos no Brasil, sendo eles: o Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH), o Plano

Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Ainda, a proposta vai ao encontro dos marcos legais do Sistema Internacional de Direitos Humanos com os quais o Brasil se comprometeu, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) e a Declaração e Programa de Ação de Viena.

As cinco atividades previstas foram pensadas para serem realizadas entre 45 e 50 minutos e adotam uma metodologia ativa e participativa. O desejo do Instituto Auschwitz é que seja um material prático e sugestivo para o/a educador/a, o/a qual pode e deve adaptar as atividades à realidade da sua escola e turma. Vale ressaltar, também, que, ainda que as atividades tenham sido pensadas enquanto sequência pedagógica, podem ser realizadas independentemente.

A Atividade 1, *Voltando às aulas: elaborando um diagnóstico da turma*, pretende propiciar um espaço de diálogo sobre os impactos da Covid-19 na vida dos/as estudantes, fornecendo algumas informações importantes sobre a situação da turma para o/a professor/a. Em seguida, na Atividade 2, *(Re)ativar a comunidade escolar*, os/as estudantes são convidados/as a, coletivamente, estabelecer regras/combinados de convívio para que a escola e a sala de aula sejam espaços seguros e confiáveis de interação neste contexto de pandemia. Depois de instaurado um ambiente de sala de aula mais acolhedor para todos/as, a Atividade 3, *É individual mas também é coletivo*, instiga os/as estudantes a explorar, através de recursos artísticos, seus afetos durante a pandemia e a volta às aulas presenciais, atentando para diferenças e semelhanças entre seus colegas. Na sequência, a Atividade 4, *O que a pandemia da Covid-19 nos deixou?*, convoca os/as estudantes por meio de um jogo interativo a melhor conhecer e debater a respeito de alguns temas e conceitos associados aos efeitos da Covid-19, em especial na sociedade brasileira. Por fim, na Atividade 5, *E o futuro: o que será?*, os/as estudantes irão explorar a ideia de possibilidade objetiva de que o futuro não está pré-determinado, com ênfase em refletir acerca dos problemas decorrentes da Covid-19 que devemos enquanto sociedade adereçar para reconstruir nosso passado e edificar nosso futuro.

Considerando que as atividades tocarão em temas sensíveis, algumas reflexões são necessárias para auxiliar no desenvolvimento das mesmas. Primeiramente, é essencial que o/a educador/a esteja consciente das próprias vivências. No caso específico da pandemia da Covid-19, todos/as certamente possuem sentimentos e experiências próprias para processar, além das preocupações com seus/suas estudantes. Por isso, é importante que o/a professor/a lembre que não é um participante neutro em sua sala de aula, de maneira a assumir as lentes e perspectivas que conduzem sua abordagem. Da mesma forma, os/as estudantes podem ter experiências semelhantes ou diferentes, que informam igualmente visões e respostas.

Nesse sentido, como algumas das atividades levantam tópicos que podem ser delicadas ou criar controvérsias, deverão ser realizadas com cuidado. Quando confrontados/as com questões sensíveis, os/as jovens são suscetíveis a expressar uma ampla gama de respostas com base em suas diferentes experiências, estilos de aprendizagem e níveis de maturidade socioemocional. Os/as professores/as podem ajudar os/as estudantes a praticar um diálogo construtivo e civilizado, caracterizado por ouvir respeitosamente múltiplas perspectivas, mas por vezes é útil primeiro reconhecer o possível desconforto dos/as participantes e assegurar-lhes que seus sentimentos são válidos e suas contribuições para a reflexão, valiosas.

Ao mesmo tempo, é importante evitar forçar a participação dos/as estudantes, esperando que a mesma aconteça de forma voluntária. Especialmente lidando com questões tão delicadas, o espaço e o tempo de cada um/a devem ser assegurados. Nesse sentido, o/a educador pode considerar dividir a classe em grupos menores em algum momento, se for necessário. Isso garantirá maior confidencialidade e permitirá que os/as estudantes menos seguros/as expressem suas opiniões em um ambiente menos pressionado.

4. Sobre o trabalho do Instituto Auschwitz no Brasil

O [Instituto Auschwitz para a Prevenção de Genocídio e Atrocidades Massivas \(AIPG\)](#) é uma organização internacional não-governamental fundada em 2006 e sediada em Nova Iorque que atua na área da prevenção de genocídio e outras atrocidades em massa.

Um dos pilares de atuação do instituto, o [Programa de Políticas Educacionais Warren](#) foi lançado como resposta ao crescente interesse dos parceiros em criar estratégias educativas dentro das políticas de prevenção. Nesse contexto, nasceu o projeto [Cidadania e democracia desde a escola](#), uma parceria com a Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão (PFDC), do Ministério Público Federal e com a então Secretaria Nacional da Cidadania do Ministério dos Direitos Humanos.

Com início em 2016, o objetivo do projeto era desenhar uma proposta educativa dirigida aos/às jovens que, partindo da realidade social e educativa brasileira, tivesse como finalidade contribuir para o fortalecimento dos valores democráticos e a cultura de respeito aos direitos humanos no país. Para dialogar com essa realidade particular na concepção e desenho da iniciativa, foi realizado um processo de consulta pública que reuniu cerca de 75 participantes, incluindo membros do Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos.

Desde sua iniciativa piloto em 2018, o projeto já alcançou 570 professores/as de todo o Brasil e mais de 5.500 estudantes do Distrito Federal, Paraíba e São Paulo.



Atividades

KIT DE ATIVIDADES PARA O RETORNO ÀS AULAS
PRESENCIAIS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

Atividade 1

Voltando às aulas: elaborando um diagnóstico da turma

Objetivo geral

Realizar um diagnóstico acerca dos impactos causados pela pandemia da Covid-19 de acordo com a experiência pessoal dos/as estudantes, de maneira a subsidiar os/as educadores/as no processo de volta às aulas presenciais.

Tempo estimado

45-50 minutos.

Materiais para aula

Folhas de papel, canetas coloridas, revistas, jornais.

Passo a passo

A pandemia da Covid-19 vem gerando relevantes consequências a nível global não apenas de caráter biomédico e epidemiológico, como também tem produzido impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes. Entre os/as estudantes, esses efeitos foram potencializados pela interrupção abrupta e prolongada das atividades escolares presenciais, o que resultou em crianças e adolescentes experimentando situações diversas de estresse psicológico e emocional.²¹

No entanto, seria incorreto presumir que os impactos da pandemia e do isolamento social nos/as estudantes acontece de forma homogênea. Além de ser necessário considerar as diferentes realidades em um país marcado pela desigualdade socioeconômica,²² é essencial dar espaço para as experiências individuais que naturalmente apresentam divergências. Todo mundo percebe as transformações decorrentes da pandemia, mas a forma como essas transformações são percebidas vai variar de acordo com o caminho que tiveram até aqui. A pandemia é um

problema coletivo, mas as experiências individuais serão diferentes. Nesse sentido, para que você como educador/a possa ter uma visão mais fiel do cenário que estará lidando na volta às aulas presenciais, é importante conhecer as experiências de cada estudante nesse processo.

A IMPORTÂNCIA DO ACOLHIMENTO DA INDIVIDUALIDADE DO/A ESTUDANTE

O contexto complexo gerado pela pandemia e a incerteza sobre o futuro impulsionam ainda mais a necessidade de considerar os aspectos socioemocionais dos/as estudantes e de exercitar o autoconhecimento e autocuidado, além da empatia, do diálogo e do respeito ao próximo.

No entanto, a construção de tais habilidades passa pela criação de um espaço seguro na relação entre professor/a - estudante e estudante - estudante. Nesse sentido, um olhar atento para o emocional em sala de aula implica no acolhimento de sua individualidade e no reconhecimento de suas vivências, inquietudes, curiosidades, por fim, na liberdade do estudante em ser quem se é.

A criação de atividades que promovam o compartilhamento de sentimentos e experiências é uma maneira de gerar esse espaço de segurança e de liberdade em sala de aula, que tende a contribuir não apenas para o enfrentamento individual de quem socializa seus desafios, mas para o processo de reflexão coletiva do problema.

1. Para iniciar a atividade, explique à turma que irão construir um espaço de escuta e acolhimento e, por isso, é importante que todos/as possam se expressar de maneira livre e segura. O momento de compartilhamento e socialização de experiências além de representar um exercício de autoconhecimento, também tem como objetivo estimular a empatia a partir da escuta atenta à narrativa do outro;

2. Em seguida, distribua entre os/as estudantes folhas de papel, canetas coloridas, revistas e jornais. Explique que nos próximos minutos eles deverão colocar naquela folha o que quiserem que possa transmitir qual foi/é a experiência deles/as na pandemia:

- *Qual o impacto da pandemia na minha vida?*
- *Quais planos que eu tinha que foram mudados?*
- *Como foi para mim estar longe da escola?*
- *O que aprendi nestes últimos meses de pandemia ?*
- *Como me sinto diante de tudo que aconteceu/está acontecendo?*

Reforce que poderão usar qualquer ferramenta, desde literalmente responder às perguntas com suas palavras até fazer desenhos, colagens, poesia: o que sentirem vontade de produzir;

3. Peça para que se reúnam em círculo. Explique que a ideia é que possam compartilhar os principais sentimentos vivenciados no processo de enfrentamento da pandemia através do que produziram na folha de papel. Reforce que, além de socializarem suas experiências, devem exercitar a escuta presente dos sentimentos do outro. Deixe que aqueles/as que se sentirem mais à vontade, iniciem a compartilhar sua produção. Talvez alguns/mas estudantes não se sintam seguros/as para socializar suas experiências inicialmente e passem a ganhar confiança ao longo do processo. Outros/as podem desejar não fazê-lo em nenhum momento. Deixe-os/as confortáveis para escolher como proceder;

4. Depois que todos/as (ou aqueles/as que desejarem) compartilharem sua experiência, faça algumas perguntas para reflexão final:

- *Vocês acham que a experiência de vocês na pandemia foi parecida?*
- *O que houve de mais comum e de mais diferente nos sentimentos aqui relatados?*
- *Por que existem semelhanças? E as diferenças?*
- *Como vocês acham que a volta à escola pode contribuir a refletir e superar algumas dessas experiências? Como deveria ser a escola para que isso aconteça?*

5. Para finalizar, recolha as folhas de papel e agradeça aos/às estudantes pela confiança depositada durante a atividade. É interessante também reforçar com os/as estudantes que esse processo de compartilhamento não precisa se esgotar nessa aula. Explique que pode ser que surja a vontade de dividir sua experiência em outro momento, e que ele/a contará com o espaço seguro de acolhimento criado em sala.



Para saber mais

FAJARDO, Vanessa. Escuta é fundamental para acolher alunos no retorno às aulas presenciais nas escolas. **Porvir**, 1o de jun de 2020. Disponível em: <<https://porvir.org/escuta-e-fundamental-para-acolher-alunos-no-retorno-as-aulas-presenciais-nas-escolas/>>. Acesso em: 30 de ago. de 2021

TV BRASIL. A educação em meio a pandemia: realidade e desafios. **Youtube**, abril de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BXWv-ZDOCGU>>. Acesso em: 30 de ago. de 2021.

Atividade 2

(Re)ativar a comunidade escolar em tempos de pandemia²³

Objetivo Geral

Instigar os/as estudantes a refletir sobre o sentido de comunidade para que estabeleçam regras de convívio que reflitam combinados coletivos da turma, tendo em vista o momento da pandemia da Covid-19 nas escolas.

Tempo estimado

45-50 minutos.

Materiais para a aula

Anexos impressos (se não for possível, projetados), papéis sulfite, lápis/canetas e cartolina.

Passo a passo

Em 2020, estados e municípios brasileiros iniciaram planos de retorno às aulas presenciais. Como efeito, em 2021, parte considerável das escolas voltaram ou estão voltando às aulas fisicamente. O retorno, entretanto, não tem acontecido sem problemas: somaram-se aos velhos desafios da educação pública, como financiamento e infraestrutura adequada, questões novas tais quais biossegurança, defasagens de ensino-aprendizagem, cuidados especiais com grupos mais vulneráveis, dentre outras incertezas envolvidas com as condições da educação pública e da não superação da pandemia no Brasil.

Nesse cenário de retorno às aulas, a presente atividade almeja que os/as estudantes construam coletivamente regras de convívio da turma que ajudem a criar um ambiente mais seguro e confiável de convivência e interação no contexto da Covid-19. Para isso, em um primeiro momento, são convidados/as a fazer uma dinâmica com vistas a refletir sobre o sentido de comunidade e comunidade escolar.²⁴

Além de a atividade na prática auxiliar os/as estudantes a protegerem a si e aos/às outros/as, a ideia é que (re)vivam e (re)atem sentimentos de responsabilidade e confiança, os quais foram em grande medida esgarçados durante a pandemia. Isso se reflete, por exemplo, em um estudo que concluiu que, em situações nas quais os cidadãos não confiam na resposta do governo à pandemia, como em boa medida é o caso do Brasil, o sentimento de confiança social também diminui.²⁵

O box a seguir faz uma importante reflexão sobre regras de convívio na comunidade escolar, podendo ser úteis para que vocês, professores/as, realizem a atividade proposta.

REGRAS DE CONVÍVIO NA ESCOLA

Em uma escola, as regras de convívio podem ser impostas ou construídas coletivamente pelos/as seus/suas membros/as. Neste segundo caso, as regras são fruto de um processo democrático e transparente onde todos/as têm o direito de falar e serem ouvidos/as igualmente, foram informados/as a respeito do problema sobre o qual se está discutindo e têm ciência do processo e dos procedimentos de confecção e formalização dos combinados. Embora nem todas as regras de convivência possam ser decididas democraticamente em uma escola, aquelas que o são costumam ter maior legitimidade e implicação da comunidade escolar. O exercício de estabelecer coletivamente combinados e regras no espaço escolar é um modo de exercer participação democrática nas escolas.²⁶

1. Para começar, explique aos/às estudantes que eles/as irão fazer uma atividade cujo o objetivo é, democraticamente, estabelecerem regras de convívio que orientam a melhor maneira de conviverem e interagirem na escola e em sala de aula;

2. Em seguida, afaste as mesas para os cantos da sala de aula e disponha as cadeiras em círculo para iniciar a atividade. A ideia é fazer com que a sala fique espacialmente propícia para a conversa e o debate, de modo que todos/as possam se ver e estejam fisicamente em posição de igualdade de fala;

3. Com a sala na disposição adequada para começar a atividade, entregue os anexos impressos (ANEXO I), lápis/canetas (se não for possível, projete, entregando papéis sulfite, lápis/canetas) e peça para que assinalem se concordam plenamente, concordam, não sabem, discordam ou discordam plenamente com as frases presentes no anexo;

4. Depois de responderem, retome as frases uma a uma e inicie uma discussão perguntando aos/às estudantes o que assinalaram e por que assinalaram desse modo;

5. Seguindo a discussão, projete e leia para os/as estudantes (se não for possível projetar, apenas leia) um dos significados possíveis de comunidade (ANEXO II). Pergunte aos/às estudantes se entenderam o conceito, se concordam com ele e se mudariam o que assinalaram com base no que você leu;

6. Terminado o primeiro momento de discussão, explique que a sala vai produzir, coletivamente, regras de convívio que ajudem a criar um espaço de aula mais seguro e confiável de interação durante a pandemia da Covid-19. Para isso, divida os/as estudantes em grupos de 4 pessoas, distribua para cada grupo folha sulfite, lápis/canetas e peça que elenquem pelo menos 3 regras de convívio para tornar melhor a interação de todos/as na escola e na sala de aula. Para estimulá-los/as, professor/a, você pode escrever na lousa e pedir que comecem a pensar nas regras de convívio imaginando os seguintes cenários:

- *Para tornar mais segura e confiável a convivência e interação na escola e na sala de aula em tempos de Covid-19, nós podemos...*
- *Para escutar e respeitar os anseios dos/as professor/as e dos/as colegas em sala de aula em tempos de Covid-19, nós podemos...*
- *Para garantir que os/as anseios dos/as estudantes sejam ouvidos pela comunidade escolar neste momento, nós podemos...*

7. Finalizadas as 3 regras de convívio de cada grupo, junte todos/as os/as estudantes novamente em círculo e distribua ao grande grupo uma cartolina e lápis/canetas. Em seguida, peça que discutam as regras que fizeram e que, coletivamente,

decidam quais combinados vão escrever na cartolina para consolidar e formalizar as regras de convívio da turma em tempos de Covid-19. Lembre os/as estudantes que para que o processo seja legítimo, é preciso que respeitem o direito de todos/as de falar e serem escutados/as.

8. Por fim, para formalizar o comprometimento de todos/as, peça que os/as estudantes assinem a cartolina e discutam qual é o melhor lugar da sala de aula para exporem os combinados da turma. Não esqueça, professor/a, de também assinar a cartolina.

Nota

Professor/a, como membro/a da sala, você também faz parte da consolidação e formalização das regras, por isso não deixe de participar da discussão.



Para saber mais

BELL, Daniel. Communitarism. In: **The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2020 Edition)**. 2020. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2020/entries/communitarianism/>>. Acesso em: 20 de set. de 2021.

CHAUÍ, Marilena. Cultura y Democracia. In: Crítica y emancipación: In: **Revista latinoamericana de Ciencias Sociales**, n1. Buenos Aires: CLACSO, 2008. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>>. Acesso em: 20 de set. de 2021.

NASCIMENTO, Celinha; ZURAWSKI, Maria Pauka; CARNAVAL, Rogê; NEIDE, Nogueira; ABREU, Ana Rosa; BRANDÃO, Lucia. **Caderno Democracia na Escola**. São Paulo: Vlado Educação, 2020. Disponível em: <<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/40634.pdf>>. Acesso em: 20 de set. de 2021.

Anexo I

	Discordo Plenamente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo Plenamente
Comunidades são feitas por pessoas que têm alguma identidade/vínculo em comum					
Comunidades são feitas por pessoas diferentes					
Comunidades têm regras ou combinados de convívio estabelecidos por seus/suas membros/as					
A escola onde você estuda é uma comunidade					
O bairro onde você mora é uma comunidade					
O país onde você vive é uma comunidade					

Anexo II

O QUE É COMUNIDADE?

Assim como boa parte dos conceitos, o conceito de comunidade não é unívoco, não tem um único significado: possui tantos sentidos quanto a quantidade de linhas de pensamento e autores que na história debateram essa noção.

De modo geral, pode-se dizer que a comunidade refere-se a um grupo de pessoas que têm identidades em comum e se relacionam de maneira não impessoal, mas vinculada. A Enciclopédia de Filosofia da Universidade de Stanford¹ nos dá três sentidos amplos e interessantes de comunidade, normalmente invocados por pensadores do comunitarismo. São eles:

1. Comunidades de lugares. Nesse primeiro caso, as pessoas que fazem parte de uma comunidade estão vinculadas a um lugar geográfico (cidade, bairro, escola, dentre outros) e, por isso, são identificadas enquanto parte desta localidade. A vinculação ao lugar é também afetiva: em geral, os membros/as da comunidade identificam a localidade em questão como uma espécie de “casa”.

2. Comunidades de memória. Nesse segundo caso, comunidades são grupos de pessoas que não necessariamente se conhecem, mas que possuem uma história significativa em comum, transmitida de geração para geração. Por exemplo, em casos de diáspora, quando grupos etnoculturais, em geral por motivos de conflito ou guerra, são obrigados a deixar suas terras natais, no enquanto seguem, por gerações, fortemente vinculados com sua terra e seus conterrâneos, mesmo que em muitos casos nunca os/as tenham visto e nem estado em sua terra de origem.

3. Comunidades psicológicas. Nesse terceiro caso, comunidades são um grupo de pessoas com convívio e interação bastante pessoal que compartilham sentimentos de confiança e cooperação. Ainda que convivam e interajam fortemente, não necessariamente vivem em uma mesma localidade geográfica - como é o caso das comunidades de lugares. Exemplos de comunidades psicológicas são a família e grupos de amigos/as.

¹ BELL, Daniel. Communitarism. In: **The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2020 Edition)**. 2020. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2020/entries/communitarianism/>>. Acesso em: 20 de set. de 2021.

Atividade 3

É individual mas é também coletivo

Objetivo geral

Criar um espaço para o compartilhamento dos sentimentos vivenciados pelos/as estudantes como consequência da pandemia, de maneira a contribuir na construção de um apoio coletivo no acolhimento e enfrentamento dos mesmos.

Tempo estimado

45-50 minutos.

Materiais para aula

Anexos impressos (se não for possível, projetados), papéis sulfite, caixa de sapato/papelão (para produção da caixa de mensagens).

Passo a passo

Ainda que as experiências sejam individuais, a crise gerada pela pandemia da COVID-19 é um abalo coletivo, na medida em que ela desafiou, e de forma muito abrupta, a maneira como todas as pessoas vêem e vivem o mundo. Um evento dessa dimensão produz um sentimento compartilhado de impotência e frustração: um luto em larga escala - concreto e simbólico. Ninguém está completamente imune às consequências que a pandemia traz, e ainda não temos clareza sobre seus efeitos que ela deixará a longo prazo em todos nós. Nesse sentido, o impacto criado pela pandemia se torna verdadeiramente coletivo.²⁷

1. Espalhe as imagens por diferentes paredes da sala (ANEXO III);

Nota

Professor/a, se não for possível imprimi-las, você pode reproduzi-las, identificando-as com números e colocar números espalhados pelas paredes, para que os/as estudantes relacionem cada lugar com uma imagem.

2. Peça para os/as estudantes se levantarem e afastarem as cadeiras. A ideia é que vocês tenham o espaço da sala de aula livre para circulação entre os lugares onde estarão as imagens/números. Explique para a turma que você fará perguntas e eles/as deverão identificar a imagem que mais representa a resposta para a pergunta feita. Quando encontrarem, deverão ficar no lugar da imagem/do número da imagem;

3. Faça algumas perguntas como:

- *Qual foi o sentimento mais presente na pandemia?*
- *Como foi/é para você viver sob os cuidados que a pandemia pede, como por exemplo o isolamento social?*
- *Você sentiu medo? Qual?*
- *Qual foi sua maior saudade?*
- *O que mais mudou em você nesse período? O que ficou pra trás?*

4. Em cada pergunta, deixe um tempo para que os/as estudantes se movimentem pela sala de aula, encontrando seu lugar. Ao escolherem a imagem para responder a pergunta, convide-os/as a elaborar o porquê daquela escolha;

5. Para finalizar a aula, distribua papéis sulfite cortados ao meio e peça para que os/as estudantes criem mensagens com conteúdos que considerem ser importantes para o enfrentamento das emoções relatadas naquelas imagens e às quais se referem à pergunta. Pode ser uma citação, algo que escutaram, uma dica de filme, uma passagem de música; qualquer coisa que entendam que possa ajudar seu/sua colega;

6. Solicite que os/as estudantes dobrem o papel e coloquem na caixa de mensagens. Misture os papéis e, em seguida, peça que cada um/a tire um para si. Se houver tempo, você pode dar espaço para que socializem com a turma o conteúdo que receberam.

Nota

Professor/a, a caixa de mensagens pode ser um recurso permanente em sala de aula, fazendo parte do cotidiano da turma. Nesse sentido, os/as estudantes poderão sempre alimentá-la, de maneira que essa troca entre eles/as seja um apoio contínuo ao longo do percurso. Vocês poderão decorá-la e dá-la um nome, por exemplo. Além disso, é uma boa forma de gerar comunicação entre os/as estudantes que estejam vivendo sistemas de rodízio/revezamento. Com a caixa, eles/as poderão deixar mensagens para os/as colegas, mantendo vínculos e fortalecendo o senso de coletividade.



Para saber mais

BARROS, Danilo. Consequências do isolamento social para os estudantes brasileiros durante a pandemia, **PEMED**, 02 de jun. de 2021. Disponível em: <<https://pebmed.com.br/consequencias-do-isolamento-social-para-os-estudantes-brasileiros-durante-a-pandemia/>>. Acesso em: 01 de set. de 2021

SILVA, Simone da; ROSA; Adriane. O impacto da COVID-19 na saúde mental dos estudantes e o papel das instituições de ensino como fator de promoção e proteção. **Revista Prâksis**, Novo Hamburgo, a. 18, n. 2, p. 190-206, mai./ago. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/view/2446/2856>>. Acesso em: 01 de set. de 2021.



Ilustração de: **Vera Helena**. In: DI GIORGI, Flávio. Sentimentos humanos: origens e sentidos / **Flávio Vespasiano Di Giorgi, Beatriz Di Giorgi, Cristiano Di Giorgi**; prefácio Alfredo Bosi. São Paulo: Fundação Stickel, 2013.

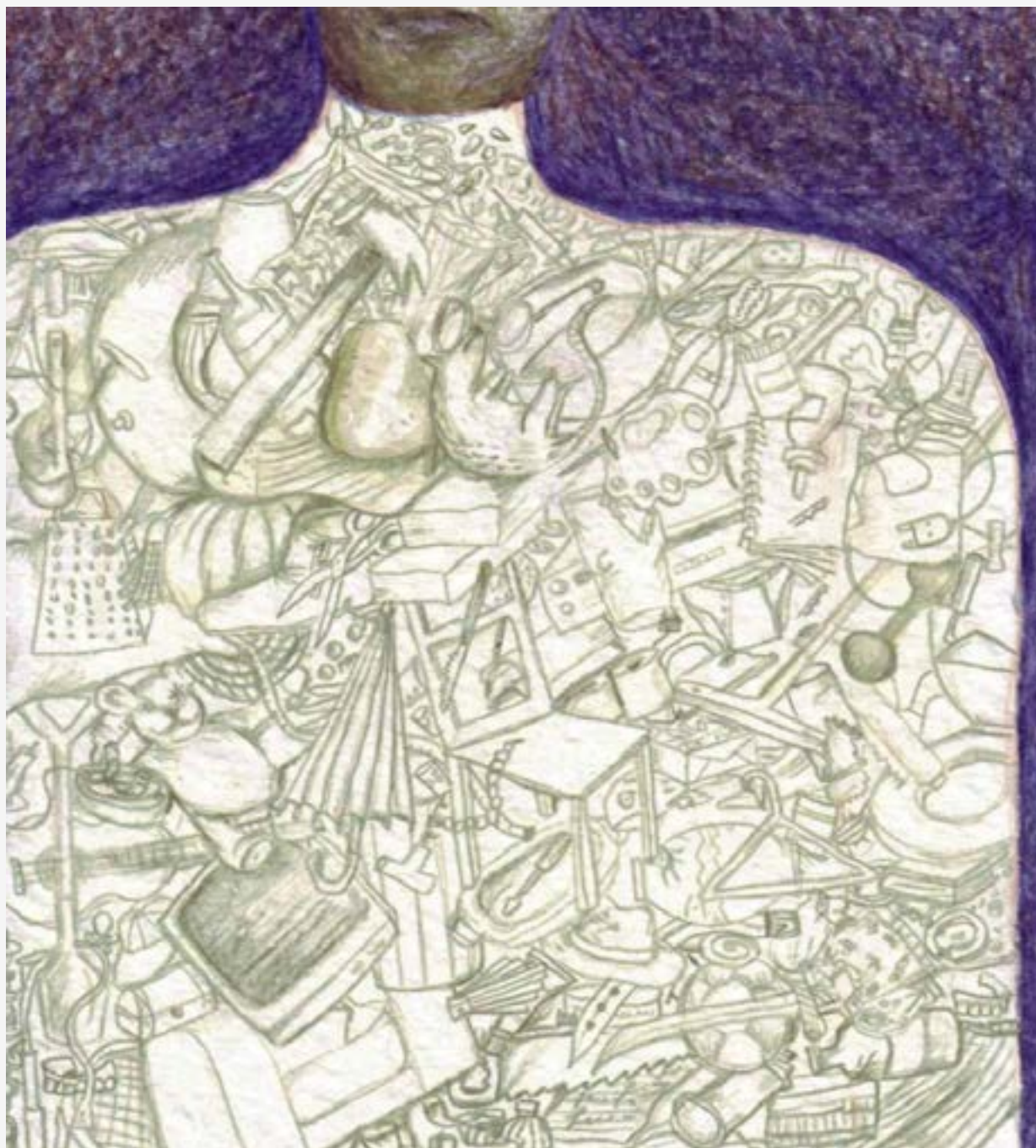


Ilustração de: **Vera Helena**. In: DI GIORGI, Flávio. Sentimentos humanos: origens e sentidos / **Flávio Vespasiano Di Giorgi, Beatriz Di Giorgi, Cristiano Di Giorgi**; prefácio Alfredo Bosi. São Paulo: Fundação Sticklel, 2013.



Ilustração de: **Vera Helena**. In: DI GIORGI, Flávio. Sentimentos humanos: origens e sentidos / **Flávio Vespasiano Di Giorgi, Beatriz Di Giorgi, Cristiano Di Giorgi**; prefácio Alfredo Bosi. São Paulo: Fundação Stickel, 2013.



Ilustração de: **Libero Malavoglia**. In: DI GIORGI, Flávio. Sentimentos humanos: origens e sentidos / **Flávio Vespasiano Di Giorgi, Beatriz Di Giorgi, Cristiano Di Giorgi**; prefácio Alfredo Bosi. São Paulo: Fundação Stickel, 2013.

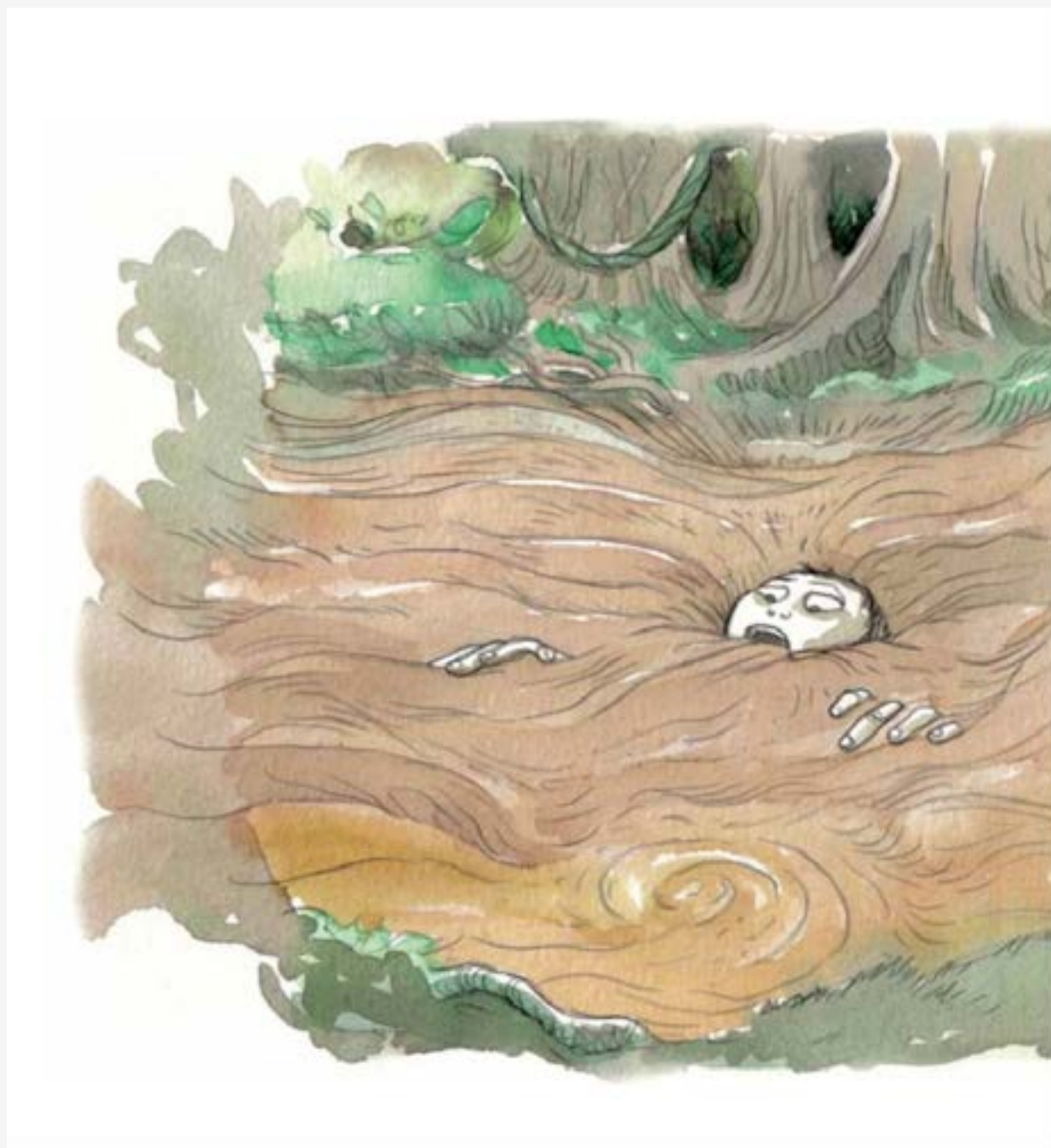


Ilustração de: **Líbero Malavoglia**. In: DI GIORGI, Flávio. Sentimentos humanos: origens e sentidos / **Flávio Vespasiano Di Giorgi, Beatriz Di Giorgi, Cristiano Di Giorgi**; prefácio Alfredo Bosi. São Paulo: Fundação Stickel, 2013.

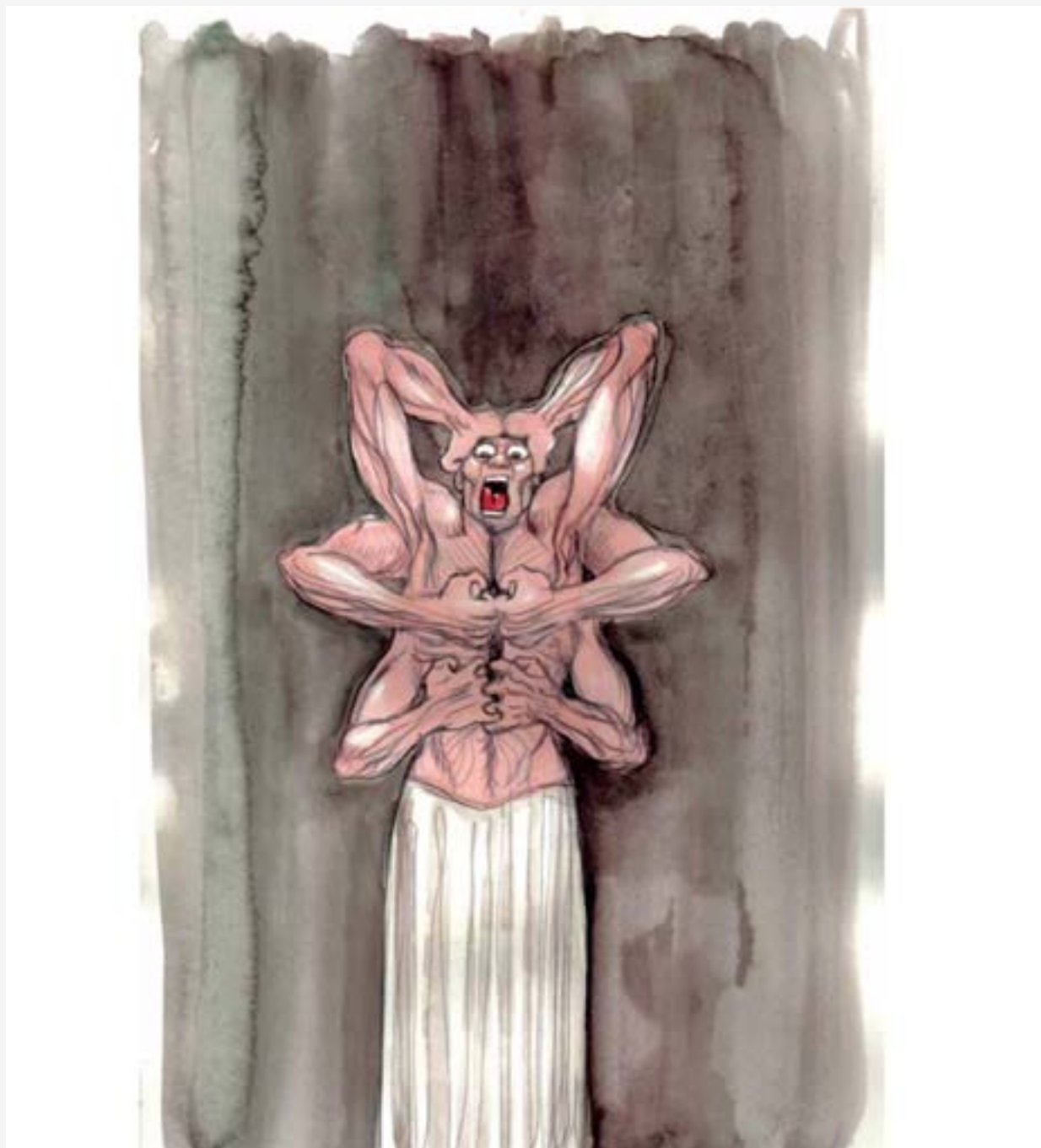


Ilustração de: **Líbero Malavoglia**. In: DI GIORGI, Flávio. Sentimentos humanos: origens e sentidos / **Flávio Vespasiano Di Giorgi, Beatriz Di Giorgi, Cristiano Di Giorgi**; prefácio Alfredo Bosi. São Paulo: Fundação Stickel, 2013.

Atividade 4

O que a pandemia da Covid-19 nos deixou?

Objetivo Geral

Suscitar entre os/as estudantes reflexões sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na vida social através de um jogo interativo.

Tempo estimado

45-50 minutos.

Materiais para a aula

Anexos impressos (se não for possível, projetados), papéis sulfite (8 papéis), lápis/canetas e tesouras.

Passo a passo

Até setembro de 2021, a pandemia da Covid-19 já matou quase 5 milhões de pessoas no mundo,²⁸ além de gerado – e continuar gerando – impactos sociais, econômicos e existenciais enormes. Ainda que ninguém passe completamente impune à pandemia, sabemos que ela afeta desigualmente as pessoas - os mais vulneráveis socioeconomicamente sofreram maiores consequências sociais e econômicas - e, de modo geral, que causou morte, dor, distanciamento, percepção de vulnerabilidade e sensação de perder um mundo ao redor de todo o globo. Se por um lado a pandemia serviu para criar e potencializar sérios problemas da nossa vida comum, por outro, paradoxalmente, contribuiu para aumentar o senso de solidariedade e fraternidade entre as pessoas. Nos últimos dois anos, ainda mais do que antes, percebemos que estamos interligados/as, vinculados/as uns aos/às outros/as, seja através dos/as afetos/as que sentimos presença e/ou falta, do senso de responsabilidade para/com si próprio e com o/a próximo/a, das artes e heranças culturais, dentre outras coisas.

Para refletir sobre os impactos da pandemia da Covid-19, propõe-se realizar com os/as estudantes um jogo de identificação que tem como matéria prima definições que se relacionam com a pandemia e impressões dos/as estudantes sobre essas definições. A ideia é que preparando e utilizando o jogo, os/as estudantes possam, juntos/as, pensar sobre alguns dos principais temas da pandemia no que diz respeito tanto aos problemas sociais revelados e potencializados, quanto aos laços de solidariedade e fraternidade renovados.

Considere as definições abaixo:

DESIGUALDADE

A desigualdade quer dizer a diferença de renda e oportunidades de indivíduos dentro de uma sociedade, assim, imaginando, em um país onde há apenas pessoas ricas ou apenas pessoas pobres, há pouca desigualdade (apesar de existir pobreza). Por outro lado, em um país onde há pessoas pobres e ricas, há desigualdade, e em um país onde há muitas pessoas pobres e poucas pessoas ricas, como é o caso do Brasil, há muita desigualdade. Segundo o coeficiente de gini de 2019,²⁹ indicador que mede a desigualdade, o Brasil é o sétimo país mais desigual do mundo, atrás apenas de Moçambique, Lesoto, República Centro Africana, Zâmbia, Namíbia e África do Sul. Se dividimos todos/as brasileiro/as em 10 faixas de renda, vamos notar que os/as 10% mais ricos/as ganham 36x mais que os/as 10% mais pobres e os/as 1% mais ricos/as ganham 260x mais que os 10% mais pobres.³⁰

DIREITOS HUMANOS

Os direitos humanos são regras morais (de valores e costumes) e legais (de direito) conquistadas e revistas através de demandas sociais históricas que têm como objetivo proteger todas as pessoas de abusos e violações sociais, políticas, econômicas, culturais e ambientais e garantir um padrão comum de dignidade e bem-estar. Direitos individuais e políticos são, por lei, garantidos, como o direito ao voto, à liberdade de crença, à liberdade de expressão, dentre outros, assim como direitos sociais, econômicos e culturais, por exemplo, o direito à educação, à saúde, ao trabalho digno, à alimentação, à previdência social (garantia da aposentadoria), aos bens culturais etc.³¹

EMPATIA

Empatia é um sentimento de acolhida do/a outro/a vivenciado quando sentimos uma espécie de uma identidade com a dor ou vulnerabilidade do/a outro/a, sentimento este próximo à compaixão, que quer dizer sofrer junto com o outro ou pelo outro.³²

ESTADO DE EMERGÊNCIA

Estado de emergência é uma condição política excepcional (que não deveria acontecer na maior parte dos casos) prevista na lei em casos de grave crise social, ambiental ou de saúde. O resultado da declaração do estado de emergência é que alguns direitos podem, temporariamente, não valer. Por exemplo, na pandemia da Covid-19, quando decretado o *lockdown*, o direito de livre circulação foi temporariamente suspenso em nome do direito à vida. Há outros casos, no entanto, em que o estado de emergência é usado politicamente para promover violência e constantemente violar os direitos humanos.³³

NEGACIONISMO

Negacionismo é o nome dado para um fenômeno antigo, porém renovado na pandemia, de negar a ciência, ou seja, de rejeitar o método científico e as evidências encontradas pelos/as cientistas. A negação do aquecimento global e da eficácia das vacinas, consensuais na comunidade científica, são exemplos atuais do negacionismo. De acordo com estudos, em boa parte das vezes, não adotamos uma posição negacionista por falta de informação, mas sim porque o consenso científico pode desestabilizar nossas crenças e identidades políticas, religiosas e étnicas.³⁴

SOLIDARIEDADE

Solidariedade é uma postura e um sentimento de abertura perante o “outro” (aquilo que não é você) que permite se relacionar com as outras pessoas e também com a natureza de modo a não ser indiferente diante de situações de violência e injustiça.³⁵

PÓS-VERDADE

Pós-verdade é um fenômeno recente, potencializado pela pandemia, que diz sobre o fato das informações que geralmente assumimos como verdadeiras serem cada vez menos baseadas em fatos e mais baseadas em crenças e emoções individuais - tomamos como verdadeiro aquilo que queremos acreditar. O início da pós-verdade está relacionado com a enorme quantidade de informação que recebemos e com a forma veloz e instantânea/imediata que nos comunicamos através das redes sociais, TikTok, Twitter, Instagram, dentre outras redes.³⁶

SEGURANÇA ALIMENTAR

A segurança alimentar diz sobre as garantias para evitar que as pessoas passem fome ou estejam em condições precárias/inseguras de alimentação. Essas garantias são: o acesso à alimentação saudável, consumo nutricional balanceado e sustentabilidade dos processos de produção de alimentos, ou seja, alimentos saudáveis cuja produção não prejudique as pessoas e a natureza. De acordo com estudo feito em 2020, a pandemia, ao lado da crise econômica, pioraram a fome e a insegurança alimentar no país: 15% dos domicílios no Brasil passam por privação de alimentos e fome, 44% reduziram o consumo de carne e 41% reduziram o consumo de frutas.³⁷

1. Para iniciar a atividade, divida a sala em dois grupos (grupo 1 e 2), tentando mantê-los em lados opostos da sala de aula, e diga a sala que vão jogar um jogo (sem dar muitas informações sobre ele);

2. Em seguida, recorte as 8 definições impressas (ANEXO IV) e distribua, aleatoriamente, 4 definições para o grupo 1 e as outras 4 definições para o grupo 2. Distribua, também, 4 folhas sulfite para cada grupo, junto com os lápis/canetas;

Nota

Caso não seja possível ter cópias impressas, professor/a, você pode projetar em sala de aula as definições.

3. Instrua os/as estudantes de cada grupo a lerem e discutirem as 4 definições que receberam e, em seguida, escrevem em conjunto nas folhas sulfite, uma para cada definição lida e discutida, uma breve frase ou palavras que associem com o tema/conceito debatido nesse momento de pandemia;

4. Depois que os grupos terminarem, pegue as 4 definições e 4 impressões/associações do grupo 1, embaralhe os papéis e distribua-os de cabeça para baixo no chão onde o grupo 2 está fazendo a atividade em duas colunas, uma com as definições e outra com as impressões/associações, para que os alunos/as desse grupo possam começar a jogar o jogo da identificação com as definições e impressões do grupo 1;

5. Igualmente, pegue as 4 definições e 4 impressões/associações do grupo 2, embaralhe os papéis e distribua-os de cabeça para baixo no chão onde o grupo 1 está fazendo a atividade em duas colunas, uma com as definições e outra com as impressões/associações, para que os alunos/as desse grupo possam começar a jogar o jogo da identificação com as definições e impressões do grupo 2;

6. Papéis no chão, explique para os/as estudantes o jogo: devem, primeiro, virar uma definição e, em seguida, virar uma a uma as impressões/associações até quando encontrarem uma que acreditam ser a impressão/associação referente à definição;

7. Terminando o jogo da identificação, inicie a conversa com a sala toda pedindo para que os grupos mostrem e expliquem as identificações entre definições e impressões/associações que fizeram. Peça para que aqueles/as que se sentirem mais à vontade comecem compartilhando. Reforce que este é um bom momento para que os/as estudantes tirem dúvidas e troquem percepções a respeito dos temas/conceitos.

8. Por fim, debata duas perguntas aos/às estudantes para encerrar a atividade:

- *Qual dos temas que foram levantados te chamou mais atenção tendo em vista o momento no qual estamos vivendo? Por quê?*

- *Há algum tema associado com a pandemia que você considera importante que não estava nas definições do jogo da memória? Por quê?*

Nota

Os novos temas levantados pelos/as estudantes podem ser matéria prima para que, futuramente, façam uma pesquisa sobre tais assuntos/conceitos e realizem um novo jogo da identificação ou outra atividade relacionada com os impactos da pandemia da Covid-19.



Para saber mais

ALMADA, António. A era da pós-verdade no cenário político contemporâneo. **Internet e Sociedade**, v 1, n. 2, p. 117-134, 2021. Disponível em: <<https://revista.internetlab.org.br/a-era-da-pos-verdade-no-cenario-politico-contemporaneo/>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.

ARRETCHE, Marta. O negacionismo e o método científico hoje e na história. **Nexo Jornal**. 30 de jul de 2020. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/colunistas/2020/O-negacionismo-e-o-m%C3%A9todo-cient%C3%ADfico-hoje-e-na-hist%C3%B3ria>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.

BARRETO, Marina. Exceção e emergência. **Nexo Jornal**. 23 de nov. de 2020. Disponível em: <<https://pp.nexojornal.com.br/glossario/Exce%C3%A7%C3%A3o-e-emerg%C3%Aancia>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.

CHAUÍ, Marilena. A atitude científica. In: **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000, p. 249 - 251.



Para saber mais

JAMES, Nichel. Human Rights. In: **The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2021 Edition)**. 2012. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/rights-human/#Bib>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.

NERI, M. Desigualdade. In: **Dicionário de Políticas Públicas**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

OXFAM. Descubra o que é segurança alimentar e qual sua importância. **Oxfam Brasil**. 2021. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/blog/descubra-o-que-e-seguranca-alimentar-e-qual-sua-importancia>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.

DESIGUALDADE

A desigualdade quer dizer a diferença de renda e oportunidades de indivíduos dentro de uma sociedade, assim, imaginando, em um país onde há apenas pessoas ricas ou apenas pessoas pobres, há pouca desigualdade (apesar de existir pobreza). Por outro lado, em um país onde há pessoas pobres e ricas, há desigualdade, e em um país onde há muitas pessoas pobres e poucas pessoas ricas, como é o caso do Brasil, há muita desigualdade. Segundo o coeficiente de gini de 2019¹, indicador que mede a desigualdade, o Brasil é o sétimo país mais desigual do mundo, atrás apenas de Moçambique, Lesoto, República Centro Africana, Zâmbia, Namíbia e África do Sul. Se dividimos todos/as brasileiro/as em 10 faixas de renda, vamos notar que os/as 10% mais ricos/as ganham 36x mais que os/as 10% mais pobres e os/as 1% mais ricos/as ganham 260x mais que os 10% mais pobres.²

1 FORTE, Bárbara. Por que o Brasil é o sétimo país mais desigual do mundo? **ECOJA/UOL**. 2 de fev. de 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoja/ultimas-noticias/2020/02/20/por-que-brasil-e-o-setimo-pais-mais-desigual-do-mundo.htm>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.

2 ROUBICEK, Marcelo. A desigualdade de renda no Brasil é alta. E vai piorar. **Nexo Jornal**. 11 de mai. de 2020. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/05/11/A-desigualdade-de-renda-no-Brasil-%C3%A9-alta.-E-vai-piora>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.

NERI, M. Desigualdade. In: **Dicionário de Políticas Públicas**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

EMPATIA

Empatia é um sentimento de acolhida do/a outro/a vivenciado quando sentimos uma espécie de uma identidade com a dor ou vulnerabilidade do/a outro/a, sentimento este próximo à compaixão, que quer dizer sofrer junto com o outro ou pelo outro.¹

1 DI GIORGI, Flávio; DI GIORGI, Beatriz; DI GIORGI, Cristiano. **Sentimentos humanos: origens e sentidos**. São Paulo: Fundação Stickel, 2013.

DIREITOS HUMANOS

Os direitos humanos são regras morais (de valores e costumes) e legais (de direito) conquistadas e revistas através de demandas sociais históricas que têm como objetivo proteger todas as pessoas de abusos e violações sociais, políticas, econômicas, culturais e ambientais e garantir um padrão comum de dignidade e bem-estar. Direitos individuais e políticos são, por lei, garantidos, como o direito ao voto, à liberdade de crença, à liberdade de expressão, dentre outros, assim como direitos sociais, econômicos e culturais, por exemplo, o direito à educação, à saúde, ao trabalho digno, à alimentação, à previdência social (garantia da aposentadoria), aos bens culturais etc.¹

1 JAMES, Nichel. Human Rights. In: **The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2021 Edition)**. 2012. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/rights-human/#Bib>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.

ESTADO DE EMERGÊNCIA

Estado de emergência é uma condição política excepcional (que não deveria acontecer na maior parte dos casos) prevista na lei em casos de grave crise social, ambiental ou de saúde. O resultado da declaração do estado de emergência é que alguns direitos podem, temporariamente, não valer. Por exemplo, na pandemia da Covid-19, quando decretado o *lockdown*, o direito de livre circulação foi temporariamente suspenso em nome do direito à vida. Há outros casos, no entanto, em que o estado de emergência é usado politicamente para promover violência e constantemente violar os direitos humanos.¹

1 AGAMBEN, Giorgio. State of exception. Chicago: The University of Chicago Press, 2005. BARRETO, Marina. Exceção e emergência. **Nexo Jornal**. 23 de nov de 2020. Disponível em: <<https://pp.nexojornal.com.br/glossario/Exce%C3%A7%C3%A3o-e-emerg%C3%Aancia>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.

NEGACIONISMO

Negacionismo é o nome dado para um fenômeno antigo, porém renovado na pandemia, de negar a ciência, ou seja, de rejeitar o método científico e as evidências encontradas pelos/as cientistas. A negação do aquecimento global e da eficácia das vacinas, consensuais na comunidade científica, são exemplos atuais do negacionismo. De acordo com estudos, em boa parte das vezes, não adotamos uma posição negacionista por falta de informação, mas sim porque o consenso científico pode desestabilizar nossas crenças e identidades políticas, religiosas e étnicas.¹

1 BARDON, Adrian. Porque negamos os fatos que contrariam nossas crenças. **Nexo Jornal**. 7 de fev. de 2020. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/externo/2020/02/07/Por-que-negamos-fatos-que-contrariam-as-nossas-cren%C3%A7as>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.

ARRETCHE, Marta. O negacionismo e o método científico hoje e na história. **Nexo Jornal**. 30 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/colunistas/2020/O-negacionismo-e-o-m%C3%A9todo-cient%C3%ADfico-hoje-e-na-hist%C3%B3ria>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021

PÓS-VERDADE

Pós-verdade é um fenômeno recente, potencializado pela pandemia, que diz sobre o fato das informações que geralmente assumimos como verdadeiras serem cada vez menos baseadas em fatos e mais baseadas em crenças e emoções individuais - tomamos como verdadeiro aquilo que queremos acreditar. O início da pós-verdade está relacionado com a enorme quantidade de informação que recebemos e com a forma veloz e instantânea/imediata que nos comunicamos através das redes sociais, TikTok, Twitter, Instagram, dentre outras redes.¹

1 ALMADA, António. A era da pós-verdade no cenário político contemporâneo. In: **Internet e Sociedade**, v 1, n. 2, p. 117-134, 2021. Disponível em: <<https://revista.internetlab.org.br/a-era-da-pos-verdade-no-cenario-politico-contemporaneo/>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.

SEGURANÇA ALIMENTAR

A segurança alimentar diz sobre as garantias para evitar que as pessoas passem fome ou estejam em condições precárias/inseguras de alimentação. Essas garantias são: o acesso à alimentação saudável, consumo nutricional balanceado e sustentabilidade dos processos de produção de alimentos, ou seja, alimentos saudáveis cuja produção não prejudique as pessoas e a natureza. De acordo com estudo feito em 2020, a pandemia, ao lado da crise econômica, pioraram a fome e a insegurança alimentar no país: 15% dos domicílios no Brasil passam por privação de alimentos e fome, 44% reduziram o consumo de carne e 41% reduziram o consumo de frutas.¹

1 PELLEGRINI, Aline. Qual o quadro da insegurança alimentar no Brasil da pandemia. **Nexo Jornal**. 13 de abr. de 2021. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/04/13/Qual-o-quadro-de-inseguran%C3%A7a-alimentar-no-Brasil-da-pandemia>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.
OXFAM. Descubra o que é segurança alimentar e qual sua importância. **Oxfam Brasil**. 2021. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/blog/ descubra-o-que-e-seguranca-alimentar-e-qual-sua-importancia>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.

SOLIDARIEDADE

Solidariedade é uma postura e um sentimento de abertura perante o “outro” (aquilo que não é você) que permite se relacionar com as outras pessoas e também com a natureza de modo a não ser indiferente diante de situações de violência e injustiça.¹

1 ALVES JÚNIOR, Douglas. Revisando a questão da solidariedade na teoria crítica. In: **Revista de Teoria Crítica**, n. 5, p. 236 - 259, 2013.

Atividade 5

E o que futuro: o que será?

Objetivo Geral

Suscitar entre os/as estudantes, através de uma atividade dialógica que parte de referências instigadoras e sensibilizadoras, reflexões urgentes sobre os tempos atuais (que não deixam de se relacionar com nosso passado) e o cultivo da esperança de um futuro ainda em construção.

Tempo estimado

45-50 minutos.

Materiais para a aula

Anexo impresso (se não for possível, projetados), papéis sulfite e lápis/canetas.

Passo a passo

A pandemia da Covid-19 é um dos eventos mais marcantes da nossa história recente, na medida em que causou milhões de mortes, descortinou e potencializou problemas socioeconômicos, sanitários e ambientais em todo o mundo. Enquanto momento de inflexão que é, muitos/as estudiosos/as e pensadores/as têm se dedicado a eticamente pensar sobre o que vem acontecendo para que possamos disputar o rumo social, econômico, sanitário e ambiental pelo qual vínhamos caminhando. Nesse sentido, a ruptura com a normalidade causada pela pandemia poderia ser uma porta de entrada para intervir na condição normal injusta pré-covid.³⁸ Essas intervenções deveriam passar pela rearticulação e reafirmação dos direitos humanos e das formas de governo democráticas, uma vez que estes são necessários para adereçar a crise pela qual estamos passando.

Pensando nesse cenário, esta atividade pretende fazer com que os/as estudantes reflitam sobre o fato do presente e do futuro não serem pré-determinados, bem como sobre o passado, presente e futuro estarem relacionados: somos porque fomos, com a possibilidade de (re)orientar o que somos tendo em vista o que fomos e deixamos de ser.

1. Divida os/as estudantes em grupos de aproximadamente 4 pessoas, distribuindo para cada grupo o anexo impresso (ANEXO V) (se não for possível, projete o anexo);

[...] O Grande Khan já estava folheando em seu atlas os mapas das ameaçadoras cidades que surgem nos pesadelos e nas maldições: Enoch, Babilônia, Yahoo, Butua, Brave New World.

Disse:

- É tudo inútil, se o último porto só pode ser a cidade infernal, que está lá no fundo e que nos suga num vórtice cada vez mais estreito.

E Polo:

- O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte dele até deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber e reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.

Calvino, Italo. **As Cidades Invisíveis**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003, p. 158.

2. Peça para que leiam a referência e, a partir dela, discutam o que entendem e o que pensam da seguinte frase de Luiz Antônio Simas:

Escovar a história a contrapelo: “necessidade de disputar o passado para acender a chama do presente e pavimentar futuros.”³⁹

Para que reflitam sobre a frase, em relação com a pandemia da Covid-19, também podem ser feitas as seguintes perguntas disparadoras:

- *O que entendem da frase de Luiz Antônio Simas e como interpretam ela diante do momento pelo qual estamos passando? O que aprendemos com a pandemia?*
- *Como vamos enfrentar os legados e heranças deixados e expostos pela pandemia?*
- *De que maneira nosso passado, presente e futuro estão relacionados?*
- *O futuro está pré-determinado? O que deveria ser motor do nosso futuro?*

Nota

Professor/a, para facilitar que os/as estudantes lembrem das provocações enquanto discutem, você pode escrever a frase e as perguntas disparadoras na lousa.

3. Terminada a discussão em grupos, reúna os/as estudantes em roda e peça para que cada grupo compartilhe o que foi discutido com os demais grupos. Este é o momento dialógico da atividade, por isso é a hora de solicitar que, caso queiram, tirem dúvidas e dêem suas opiniões;

4. Em seguida, peça para que, em uma folha sulfite, os/as estudantes, individualmente, façam uma reflexão com base nas questões: *Quais os principais desafios para pavimentar nosso futuro? E como se movimentar para superá-los?* A ideia é que a reflexão seja livre, por isso deixe que se expressem através da linguagem que julgarem melhor, seja ela um texto opinativo, um texto literário, uma poesia, uma letra de música, um desenho, dentre outras formas.

Nota

Caso haja possibilidade, logo antes de iniciarem suas produções individuais, para instigar a imaginação, os/as estudantes poderiam assistir ao videoclipe no Youtube do artista Emicida *É Tudo para Ontem*, disponível no [link](#). O vídeo, feito durante a pandemia da Covid-19, muito sensivelmente, fala sobre a humanidade, a desigualdade, o tempo, aqueles/as que vieram antes de nós, os vínculos e a necessidade de agir para reconstruir o ontem e construir o amanhã. Além disso, se acharem interessante, as produções poderiam ser expostas no espaço escolar: na sala de aula, nos corredores, no pátio, etc.



Para saber mais

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história, 1940. Magia, técnica, arte e política. **Obras Escolhidas**, v1. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

CHAUÍ, Marilena. Liberdade e possibilidade objetiva. In: **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000, p. 362 - 365.

United Nations. **Covid-19 and Human Rights: We are all in this together**. United Nations (UN), 2020. Disponível em: <https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/un_policy_brief_on_human_rights_and_covid_23_april_2020.pdf>. Acesso em: 2 de set. de 2021.

Anexo V

[...] O Grande Khan já estava folheando em seu atlas os mapas das ameaçadoras cidades que surgem nos pesadelos e nas maldições: Enoch, Babilônia, Yahoo, Butua, Brave New World.

Disse:

- É tudo inútil, se o último porto só pode ser a cidade infernal, que está lá no fundo e que nos suga num vórtice cada vez mais estreito.

E Polo:

- O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte dele até deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber e reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.

Referências

- 1 JOHN HOPKINS UNIVERSITY AND MEDICINE: CORONAVIRUS RESEARCH CENTER. **Covid-19 Dashboard**. 2021. Disponível em: <<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>>. Acesso em: 28 de set. de 2021.
- 2 CHAN, Tzu. Coronavírus: Economia global vai sofrer anos até se recuperar do impacto da pandemia, afirma a OCDE. **BBC News Brasil**, 23 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52002332>>. Acesso em: 14 de set. de 2021
- 3 United Nations. **United Nations Guidance Note on Addressing and Countering COVID-19 related Hate Speech**. United Nations, 2020 ; United Nations. **Covid-19 and Human Rights: We are all in this together**, 2020. Disponível em: <https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/un_policy_brief_on_human_rights_and_covid_23_april_2020.pdf>. Acesso em: 2 de set. de 2021.
- 4 OEA. Pandemia y Derechos Humanos en las Américas. Resolución 1/2020. **OEA/CIDH**, 2020.
- 5 OXFAM. Democracia Inacabada: um retrato das desigualdades brasileiras. **Oxfam**: Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/wp-content/uploads/2021/08/relatorio_democracia_inacabada_vs07.pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.
- 6 Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede PENSSAN). Insegurança alimentar e Covid-19 no Brasil, 2021. Disponível em: <<http://www.fao.org/family-farming/detail/fr/c/1392789/>>. Acesso em: 14 de set. de 2021.
- 7 Desemprego se estabiliza em maio mas atinge 148 milhões. **Nexo Jornal**, 30 de jul. de 2021. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/extra/2021/07/30/Desemprego-se-estabiliza-em-maio-mas-atinge-148-milh%C3%B5es>>. Acesso em: 14 de set. de 2021.
- 8 ALEGRETTI, Lais. 'Preço de aeroporto'? Inflação dispara em 2021 e deve ser a maior desde governo Dilma, prevê mercado. **BBC**, 23 de ago. de 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58304575>>. Acesso em: 20 set. de 2021
- 9 World Happiness Report. World Happiness Report 2021. **WHR**. Disponível em: <<https://worldhappiness.report/>>. Acesso em: 14 de set. de 2021.
- 10 JOHN HOPKINS UNIVERSITY AND MEDICINE: CORONAVIRUS RESEARCH CENTER. **Covid-19 Dashboard**. 2021. Disponível em: <<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.
- 11 BIERNATH, André. A pandemia no Brasil foi diferente do resto do mundo, diz diretora de Médicos Sem Fronteiras. **BBC News Brasil**, 29 de abr. de 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56937229>>. Acesso em: 14 de set. de 2021. PINHEIRO, Cloé. Especialistas dão notas sobre a resposta do Brasil ao Coronavírus. Veja Saúde, 6 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/medicina/especialistas-dao-notas-sobre-a-resposta-do-brasil-ao-coronavirus/>>. Acesso em: 14 de set. de 2021.
- 12 UNESCO. UNESCO rallies international organizations, civil society and private sector partners abroad in a broad Coalition to ensure #LearningNeverStops. 23 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://en.unesco.org/news/unesco-rallies-international-organizations-civil-society-and-private-sector-partners-broad>>. Acesso em: 6 de set. de 2021.

- 13 PELLANDA, Andressa; Frossard, Manele. A escola deve ser a última a fechar e a primeira a reabrir - desde que haja condições para isso. **Campanha nacional pelo direito à educação**. 3 de fev. de 2021. Disponível em: <<https://campanha.org.br/analises/andressa-pellanda/escola-deve-ser-ultima-fechar-e-primeira-abrir-desde-que-com-condicoes-para-isso/>>. Acesso em: 6 de set. de 2021.
- 14 WORLD BANK GROUP. Acting now to protect the human capital of our children: the cost of and response to Covid-19 pandemic's impact on the education sector in Latin America and the Caribbean. Washington DC: **World Bank**, 2021. Disponível em: <<https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/35276?locale-attribute=en>>. Acesso em: 6 de set. de 2021.
- 15 UNICEF, GRUPO BANCO MUNDIAL, PROGRAMA ALIMENTAR MUNDIAL. Recomendações para a reabertura de escolas. Abril, 2020. Disponível em: <<https://www.unicef.org/sites/default/files/2020-05/PORTUGUESE-Framework-for-reopening-schools-2020.pdf>>. Acesso em: 6 de set. de 2021.
- 16 SATTIE, Ana. Brasil bate recorde e registra 4.195 mortes por Covid-19 em 24h. **CNN Brasil**, 6 de abr. de 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/covid-19-no-brasil-6-4-2021/>>. Acesso em: 15 de set. de 2021.
- 17 UNICEF, UNESCO, GRUPO BANCO MUNDIAL, FAO. **Recomendações para a reabertura de escolas**. Abril de 2020. Disponível em: <<https://www.unicef.org/media/68886/file/PORTUGUESE-Framework-for-reopening-schools-2020.pdf>>. Acesso em: 14 de set. de 2021.
- 18 *Ibíd.*
- 19 ARENDT, Hannah. A Crise na Educação. In: **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 247.
- 20 FACING HISTORY&OURSELVES. Preparing to Welcome Students Back to School. **FACING HISTORY & OURSELVES**, 2021. Disponível em: <<https://www.facinghistory.org/resource-library/back-school-2021-building-community-connection-and-learning/preparing-welcome-students-back-school>>. Acesso em: 30 de ago. de 2021
- 21 CÂMARA DOS DEPUTADOS. Uma a cada 4 crianças e adolescentes teve sinais de ansiedade e depressão na pandemia, aponta estudo. **Agência Câmara de Notícias**, junho de 2021. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/774133-uma-a-cada-4-criancas-e-adolescentes-teve-sinais-de-ansiedade-e-depressao-na-pandemia-aponta-estudo/>>. Acesso em: 30 de ago. de 2021; CARVALHO, Priscila Carvalho. Sinais de depressão e ansiedade dobraram em jovens na pandemia, diz estudo. **Revista Veja**, agosto de 2021. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/sinais-de-depressao-e-ansiedade-dobraram-em-jovens-na-pandemia-diz-estudo/>>. Acesso em: 30 de ago. de 2021.
- 22 OXFAM. **Pandemia de coronavírus reforça desigualdades da população mais vulnerável**, abril de 2020. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/blog/pandemia-de-coronavirus-reforca-desigualdades-da-populacao-mais-vulneravel/>>. Acesso em: 30 de ago. de 2021; WOBETO, Samara. Desigualdades sociais das periferias são fatores de risco para a Covid-19. **Revista Arco**, abril de 2021. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/midias/arco/desigualdade-fator-risco-covid-19/>>. Acesso em: 30 de ago. de 2021
- 23 Atividade inspirada no compêndio de atividades Fostering Community of Learners da Facing History & Ourselves. FACING HISTORY & OURSELVES. Back to School 2021: Building Community for Connection and Learning/ Section 3: Fostering Community of Learners. **Facing History & Ourselves**, 2021. Disponível em: <<https://www.facinghistory.org/resource-library/back-school-2021-building-community-connection-and-learning/activities-first-days-school>>. Acesso em: 16 de set. de 2021.
- 24 BELL, Daniel. Communitarism. In: **The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2020 Edition)**. 2020. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2020/entries/communitarianism/>>. Acesso em: 20 de set. de 2021.

- 25 WOELFERT, Frederick. KUNST, Jonas. How political and social trust can impact social distancing practises during Covid-19 in unexpected ways. In: **Frontiers in Psychology**, v 11, p.1-16, Dec. 2020. Disponível em: <<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2020.572966/full>>. Acesso em: 6 de set. de 2021.
- 26 NASCIMENTO, Celinha; ZURAWSKI, Maria Pauka; CARNAVAL, Rogê; NEIDE, Nogueira; ABREU, Ana Rosa; BRANDÃO, Lucia. Caderno Democracia na Escola. São Paulo: **Vlado Educação**, 2020.. Disponível em: <<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/40634.pdf>>. Acesso em: 20 de set. de 2021
- 27 PRIDEAUX, Ed. Coronavírus: como o mundo pode se curar do 'trauma coletivo' da pandemia de covid-19. **BBC**, 27 de fev. de 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-56026654>>. Acesso em: 02 de set. de 2021.
- 28 JOHN HOPKINS UNIVERSITY AND MEDICINE: CORONAVIRUS RESEARCH CENTER. **Covid-19 Dashboard. 2021**. Disponível em: <<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.
- 29 FORTE, Bárbara. Por que o Brasil é o sétimo país mais desigual do mundo? **ECO/A/UOL**. 2 de fev. de 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/eco/ultimas-noticias/2020/02/20/por-que-brasil-e-o-setimo-pais-mais-desigual-do-mundo.htm>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.
- 30 ROUBICEK, Marcelo. A desigualdade de renda no Brasil é alta. E vai piorar. **Nexo Jornal**. 11 de mai. de 2020. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/05/11/A-desigualdade-de-renda-no-Brasil-%C3%A9-alta.-E-vai-piora>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.
- NERI, M. Desigualdade. In: **Dicionário de Políticas Públicas**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- 31 JAMES, Nichel. Human Rights. In: **The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2021 Edition)**. 2012. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/rights-human/#Bib>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.
- 32 DI GIORGI, Flávio; DI GIORGI, Beatriz; DI GIORGI, Cristiano. **Sentimentos humanos: origens e sentidos**. São Paulo: Fundação Stickel, 2013.
- 33 AGAMBEN, Giorgio. State of exception. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.
- BARRETO, Marina. Exceção e emergência. **Nexo Jornal**. 23 de nov de 2020. Disponível em: <<https://pp.nexojornal.com.br/glossario/Exce%C3%A7%C3%A3o-e-emerg%C3%Aancia>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.
- 34 BARDON, Adrian. Porque negamos os fatos que contrariam nossas crenças. **Nexo Jornal**. 7 de fev. de 2020. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/externo/2020/02/07/Por-que-negamos-fatos-que-contrariam-as-nossas-cren%C3%A7as>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.
- ARRETICHE, Marta. O negacionismo e o método científico hoje e na história. **Nexo Jornal**. 30 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/colunistas/2020/O-negacionismo-e-o-m%C3%A9todo-cient%C3%ADfico-hoje-e-na-hist%C3%B3ria>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021
- 35 ALVES JÚNIOR, Douglas. Revisando a questão da solidariedade na teoria crítica. In: **Revista de Teoria Crítica**, n. 5, p. 236 - 259, 2013.
- 36 ALMADA, António. A era da pós-verdade no cenário político contemporâneo. In: **Internet e Sociedade**, v 1, n. 2, p. 117-134, 2021. Disponível em: <<https://revista.internetlab.org.br/a-era-da-pos-verdade-no-cenario-politico-contemporaneo/>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.

37 PELLEGRINI, Aline. Qual o quadro da insegurança alimentar no Brasil da pandemia. **Nexo Jornal**. 13 de abr. de 2021. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/04/13/Qual-o-quadro-de-inseguran%C3%A7a-alimentar-no-Brasil-da-pandemia>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.

OXFAM. Descubra o que é segurança alimentar e qual sua importância. **Oxfam Brasil**. 2021. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/blog/ descubra-o-que-e-seguranca-alimentar-e-qual-sua-importancia>>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.

38 BRUM, Eliane. O futuro pós coronavírus já está em disputa. **El País**, 6 de abr. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-08/o-futuro-pos-coronavirus-ja-esta-em-disputa.html>>. Acesso em: 2 de set. de 2021.

39 SIMAS, Luiz Antônio. O anjo da história e a pedra de Exu. **Birosca Brasileira**, 2020. Disponível em: <<https://biroscabrasileira.blogspot.com/2020/10/o-anjo-da-historia-e-pedra-de-exu.html>>. Acesso em: 6 de set. de 2021.



the auschwitz institute
for the prevention of genocide
and mass atrocities